

33º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT 41: Transformações sociais e projetos políticos em concorrência:
reflexões a partir do rural.

RELIGIOSIDADE, MOVIMENTOS SOCIAIS E DIVERSIDADE DE ENGAJAMENTOS NA LUTA PELA TERRA: ANÁLISE A PARTIR DO MST

Valter Lúcio de Oliveira

RELIGIOSIDADE, MOVIMENTOS SOCIAIS E DIVERSIDADE DE ENGAJAMENTOS NA LUTA PELA TERRA: ANÁLISE A PARTIR DO MST

Valter Lúcio de Oliveira¹

RESUMO

Esse artigo visa trazer a lume a diversidade de engajamentos notada entre aqueles que se reconhecem integrantes do MST. Objetiva, dessa forma, ir além das análises que distribuem seus militantes entre os pólos dos dirigentes e aquele formado por uma base uniforme, criando, na teoria, simplificações que não se observa na realidade social. Baseado em pesquisa empírica realizada em um acampamento e em dois assentamentos localizados no Rio Grande do Sul, estas análises buscarão dar conta dos processos sociais que explicitam transformações no perfil atual dos sem-terra e que atribuindo uma complexidade ainda maior a estes espaços. Como elemento intrínseco a essa dinâmica, a dimensão da religiosidade será colocada em evidência.

INTRODUÇÃO

Como é notório, o MST se tornou um ator social de grande destaque na cena pública. Com ele se ensejou um novo repertório de ações coletivas² e os governos e a sociedade passaram a reconhecê-lo como interlocutor legítimo quando o assunto é a questão agrária. Este reconhecimento chegou ao ponto das instituições responsáveis pelos assentamentos se guiarem, em suas atividades, pela pressão que lhes chegam por parte desse Movimento. Assim, os assentamentos são criados em regiões nas quais o MST está mais organizado e, ao mesmo tempo, são ali assentados aqueles que seus dirigentes indicam³. O grau de influência que o MST exerce sobre o poder público também pode ser notado pela margem de liberdade que tem para constituir, a “seu” modo, o formato de

¹ Doutorando do CPDA-UFRRJ, ex-bolsista do CNPq.

² Ainda que suas ações em geral não sejam novas, o MST lhe atribuiu novas roupagens e outras dimensões. Das suas ações de maior impacto as ocupações de terra têm lugar central e são a sua marca mais evidente.

³ Esta situação produz o que Badie & Hermet (1993) denominou de uma lógica neo-patrimonialista, no sentido de que atualmente o MST se tornou um mediador quase imprescindível para os que buscam o acesso à terra. As pessoas se integram ao MST porque sabem que através dele suas chances de “ganhar” terra são maiores.

assentamento que mais “lhe” convier. Portanto, é legítimo (e freqüente) se referir a determinados assentamentos como “sendo” do MST ou organizados por ele.

Pela força de sua expressão política e pela própria necessidade de se fazer presente em vários espaços públicos, costuma-se falar do MST como algo unitário. Mas quando se aproxima da dinâmica cotidiana de seus acampamentos e assentamentos nota-se que se trata de um Movimento composto por um público extremamente diverso tanto com relação aos perfis de suas lideranças quanto aos perfis dos que conformam sua base. Também é diverso os formatos de engajamento a as suas expectativas de retribuição. Ao mesmo tempo, deve ser salientado que as vidas cotidianas dessas pessoas os fazem conjugar aspectos herdados de sua comunidade de origem com aspectos próprios da nova realidade que estão vivendo. Nesse sentido, esse artigo busca evidenciar essa diversidade em geral e, ao mesmo tempo, colocar acento na questão da religiosidade como elemento marcante do estabelecimento de nexos entre os espaços de relações sociais do acampamento e dos assentamentos e o espaço comunitário do qual os sem-terra “saíram”, mas no qual, todavia, mantém seus vínculos.

As análises que estão aqui construídas são baseadas em trabalho de campo realizado em dois assentamentos e em um acampamento reconhecidos como “pertencentes” ao MST, todos situados na região metropolitana de Porto Alegre. Estes assentamentos serão designados aqui por “assentamento antigo” (15 anos) e “assentamento novo” (3 anos).

O que determinou este recorte temporal e organizacional está relacionado com o pressuposto de que formações em períodos tão díspares expõem de forma mais acentuada as transformações organizativas e relativas aos novos perfis de engajamento de suas lideranças e dos sem-terra em geral. Também possibilita uma melhor compreensão acerca da presença da religião nesses espaços nos dias atuais. Com este recorte a dimensão diacrônica estaria contemplada não apenas na análise da trajetória de um assentamento, mas também na dinâmica comparativa que produz evidências acerca do novo perfil de engajamento no MST a partir dos assentamentos e acampamentos formados atualmente. Nestes espaços realizei entrevistas e vivenciei sua dinâmica durante as várias visitas de curta duração realizadas ao longo de oito meses.⁴

⁴ O que trago nesse artigo é parte das discussões que fiz em minha tese.

CARACTERIZAÇÃO EMPÍRICA

O acampamento

O acampamento que pesquisei segue a estrutura paradigmática à qual os acampamentos organizados pelo MST estão associados: um conjunto de barracos de lona plástica preta localizados normalmente em terrenos às margens das rodovias. Essa é a “marca registrada” dos acampamentos e tornou-se o símbolo do MST. É uma forma pouco custosa de se estabelecerem rápida e provisoriamente: tanto a chegada quanto a saída se dão sem grandes obstáculos.

A organização espacial do acampamento pesquisado está pensada para que exista apenas um lugar de entrada ou saída, fato facilitado pela vegetação e pela conformação física do terreno. Nesse local está instalada uma guarita e uma cancela na qual sempre (24 horas por dia) haverá uma ou mais pessoas responsáveis pelo controle de quem entre ou sai. Para o acampado que se ausenta do acampamento ele deve apresentar ao responsável pela supervisão da guarita, tanto na saída quanto na entrada, uma pequena ficha padronizada onde consta a autorização para se ausentar do acampamento e o período previsto para tal. Para um simples visitante, como era o meu caso, era necessário a indicação de alguma referência interna que seria consultada e, se fosse o caso, autorizado a entrada. Depois de um certo período de visitas e estadia no acampamento eu não tive mais necessidade dessa autorização, as pessoas já haviam se habituado comigo e permitiam minha entrada sem tal consulta.

A chegada de alguém interessado em compor o acampamento se dá sob diferentes formas. A mais freqüente é aquela impulsionada pelo trabalho da Frente de Massa - FM. Ou seja, aquele indivíduo que é abordado por militantes do MST especialmente designados à tarefa de conquistar novos adeptos. Outra forma bastante comum são aqueles que chegam a partir de convites de familiares e amigos já acampados ou assentados. Normalmente o que ocorre é a conjunção dessas duas formas. Aquelas pessoas com referências familiares ou amicais que possuem alguma relação com o MST são alvos mais permeáveis ao convencimento por parte da FM. Também existem aqueles que vão acampar de forma espontânea, por terem escutado falar da possibilidade de ganharem terra através do movimento e então decidem experimentar. No acampamento pesquisado esse perfil ocorria com maior freqüência em função de estar localizado nos

arredores de grandes centros urbanos. Iniciativa própria como esta ocorria com menor incidência em outros acampamentos do interior.

Este acampamento também era composto por acampados provenientes de outros acampamentos. Isto se devia ao fato do acampamento de origem haver se extinguido, seja em função do assentamento de parte de seus integrantes, ou devido ao despejo de que foram vítimas, ou ainda simplesmente para fortalecer um único acampamento. Essa movimentação também se insere na lógica da mobilização, ou seja, um acampamento, para cumprir com sua função, nunca deve permanecer por muito tempo em um único local, pois do contrário, não tornaria visíveis as suas causas.

A atuação da Frente de Massa mudou significativamente com o passar do tempo. Nos primeiros anos do MST as reuniões organizadas pela FM eram realizadas em salões comunitários, em igrejas do meio rural ou mesmo em igrejas do meio urbano de pequenos municípios, em sindicatos de trabalhadores rurais ou ainda em espaços improvisados, invariavelmente em cidades do interior do estado. A difusão entre os camponeses se dava a partir desses espaços organizativos já estabelecidos e o processo de convencimento ocorria, majoritariamente, de forma coletiva e apoiado por outros agentes, especialmente aqueles vinculados às igrejas e aos sindicatos. Ainda que atualmente ocorram reuniões com o objetivo de apresentar a opção do acampamento a grupos de potenciais interessados, o que tem sido mais recorrente na atuação da FM é um tipo de abordagem individual ou familiar visando aqueles que habitam as “vilas”⁵. Visam também aqueles que habitam as ruas: *“estava em Porto Alegre, vim um garoto de rua e chamei ele pra vir acampar”* comentou uma liderança.

A unidade social de referência no acampamento é a família. Sempre irão utilizar a família como parâmetro para referirem-se aos que pertencem ao acampamento, mesmo que boa parte chegue e se estabeleça ali de forma individual. Tal tratamento se deve ao fato de que mesmo naqueles casos em que a família não acompanha o acampado, está pressuposto que o acompanhará para o assentamento. Como se verificou, a ida para o assentamento pode significar, inclusive, a re-unificação familiar. Conheci várias pessoas

⁵ Como também salientado por Caballeiro (2008, p.17) o termo “vila” assume no contexto regional um sentido pejorativo, é sinônimo do que em outros lugares se denomina “favela”. Essa compreensão também me foi explicada por uma acampada evangélica. Ao se referir à parte das pessoas do acampamento como “vileiros” e, ao notar que eu não compreendia bem o sentido daquela denominação, esboçou uma expressão facial visando demonstrar que se tratava de pessoas com baixa reputação social e me explicou verbalmente que eram o que em outros lugares se chamam de favelados. Ao falar dos “vileiros” ela usava uma expressão estigmatizadora para situar sua família à distancia daquele tipo de público.

que disseram que não iriam para um assentamento muito distante para não se distanciar da família. Uma senhora com três filhos pequenos havia sido selecionada para ser assentada em uma região distante cerca de 400 km do acampamento onde estava, mas renunciou à vaga dizendo que seus familiares que moravam na cidade não estavam dispostos a acompanhá-la e ela se sentia insegura em gerir o lote sozinha. Quando lhe questionei se ela não encontraria apoio dos vizinhos no futuro assentamento ela me disse que as pessoas que estavam sendo assentadas eram todas alcoólatras o que também não a animava muito em ser assentada naquele assentamento: *“só vai beldaiada”*.

A família constitui aquilo que na linguagem corrente entre os acampados se chama de “base”. O sentido de “base”, nesse caso, é bem distinta daquela da linguagem militante. Como conceito militante, base é como o antônimo de dirigente, ou seja, designa aquele grupo social que dá sustentação às ações dos dirigentes. Já o sentido adotado pelas pessoas do acampamento refere-se ao local e ao meio social de onde o acampado é proveniente. Em uma de minhas primeiras visitas ao acampamento, um garoto de 13 anos foi logo me perguntando: “como está a base?” Imediatamente associei à base do MST, seria como se tivesse me perguntado: “como está o movimento em outros lugares?”. Imaginava com isso que ele estava supondo minha pertença aos quadros do MST. Baseado no meu entendimento de “base” aquela expressão partindo espontaneamente de uma criança me deixou surpreso, pensei *“olha o grau de politização desse garoto, tão novo e já se interessa pelos assuntos do Movimento”*. Apenas mais tarde fui me dando conta de que a expressão era usual entre os acampados e indicava a relação que possuíam com o local de proveniência de cada pessoa que estava ali: “vou voltar pra minha base”, “vou visitar a minha base”, “como está a sua base?”... eram expressões comuns. Dessa forma ficava claro que contavam com uma base familiar ou comunitária à qual estavam vinculados e da qual lhes chegavam o apoio moral e material para permanecerem ali. Portanto, base era a palavra que sintetizava o vínculo dos indivíduos com seus locais de origem e, ao mesmo tempo, era o sinal de vinculação entre estes espaços mais gerais: a comunidade externa e a comunidade do acampamento. Ambos os lugares produziam sociabilidades diferentes que se interpenetravam através dos indivíduos que mantinham esse duplo vínculo⁶.

⁶ Este é um importante aspecto a ser considerado. As pessoas que estão ali no acampamento carregam outras dimensões de sua vida. E, nesse sentido, como bem salienta Quirós (2006, p.27) em seu estudo sobre os Piqueteros organizados nos subúrbios de Buenos Aires – Argentina, deve-se “partir del presupuesto de

Uma vez estabelecido no acampamento, todo indivíduo é imediatamente alocado em um Setor de Trabalho e em um Núcleo de Base - NB. *Base*, nesse caso, já é proveniente do vocabulário militante e designa o grupo mais elementar do acampamento a partir do qual emana a legitimação para graus mais elevados na hierarquia do movimento. De cada um desses núcleos se destaca dois coordenadores (preferencialmente um homem e uma mulher) para representá-los nas instâncias superiores. Este “destaque” se dá tanto no que se refere a tornar-se visível como distinto dos demais em termos de capital militante (oratória, liderança, capital político) quanto no sentido de ir além da base e do próprio acampamento para avançar sobre outros espaços de poder dentro da estrutura do MST.

As participações nos NBs e nos Setores de Trabalho são obrigatórias. Trata-se, juntamente com a participação das suas lutas⁷, das únicas contrapartidas exigidas formalmente para se manter no acampamento e, sobretudo, manter-se elegível como um possível assentado. A diversidade de participação da (e na) base é bastante grande, o que permite o envolvimento de todos acampados a partir de suas mais diversas aptidões⁸. Obviamente que há os espaços mais nobres, que exigem maior qualificação, ao menos de uma parcela dos integrantes, como é o caso da equipe de educação e das finanças. A estrutura organizativa do acampamento pode ser apresentada, em linhas gerais, da seguinte forma:

1. **Brigada de Organicidade – BO:** trata-se de uma instância do acampamento que tem o papel de pensar as suas estratégias políticas e de propor ações. Apesar de não ter

que la vida tiene otras dimensiones a través de las cuales el formar parte de un movimiento puede tornarse más inteligible”.

⁷ As lutas, neste caso, são as suas manifestações, ocupações, marchas, etc. Nesse sentido corrente no MST, a participação nas lutas é como um ritual iniciático. Todo acampado é iniciado em um processo de identificação do inimigo e de auto-identificação como Sem-Terra e passam a compreender as relações sociais a partir de um sentido agonístico muito importante nos discursos e nas ações do MST. Também por aí faz sentido as análises de Thompson (1987) ao observar que não existe a classe antes da luta de classes. Deve ser considerado que é a partir da *experiência* que os agentes aqui analisados “aprenderam a ver suas vidas como parte de uma história geral de conflitos” (p.304) e assim se constituíram enquanto agentes em lutas. Sobre os vários sentidos da categoria “luta” ver Comerford (1999). Ver as análises realizadas por este mesmo autor concernentes à sociabilidade agonística em comunidades do interior de Minas Gerais em Comerford (2003).

⁸ Citando a fala de um marchante, Chaves (2000, p.305) também destaca esse aspecto: “*no MST você resgata o indivíduo. Não precisa se uniformizar. No MST você pode ser você mesmo. Se é músico, trabalha com música; se gosta de falar com o povo, faz discurso; se é professor, ensina. Toda contribuição é bem vinda e você pode contribuir com o que sabe*”. No MST diz-se que ‘o coletivo educa’, e os indivíduos que nele se integram costumam crer que nele realizam suas melhores qualidades, apesar de incontáveis vezes deverem subordinar-se às ‘decisões do coletivo’. Com essa hierarquia, a dinâmica entre indivíduo e coletividade é vista no MST sob um aspecto positivo”.

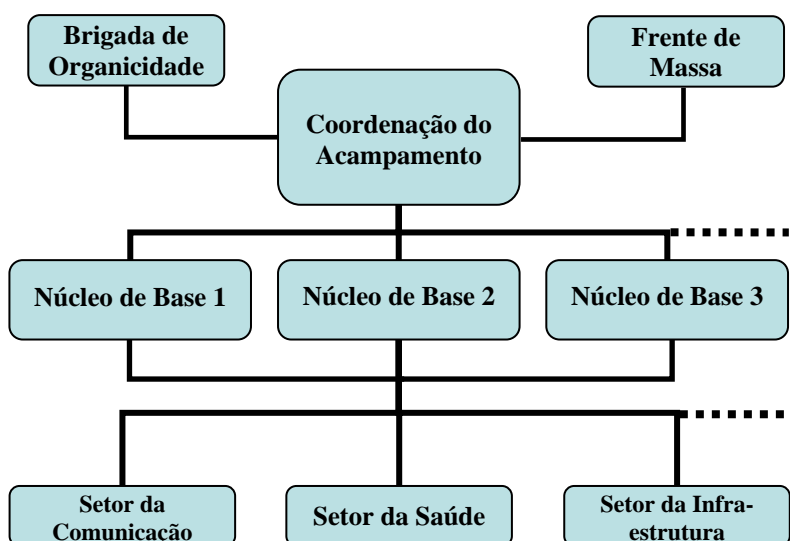
um poder formal de decisão, é o espaço por excelência da elite militante. Ou seja, para estar ali é necessário o “manuseio” desenvolvido do discurso militante e compreender profundamente o que significa ser do Movimento, e deve, notadamente, comungar de certos posicionamentos políticos. São os responsáveis pelo “gerenciamento” do acampamento e por pensá-lo em sua totalidade, prioritariamente no que concerne aos seus aspectos políticos. Nesse sentido, estão atentos ao funcionamento das instâncias internas e ao cotidiano do acampamento e preparados para propor atividades, controlar os “desvios” e valorizar aqueles que têm potencial de militância. Seus membros são escolhidos a partir de indicações e passam por um rigoroso processo de avaliação, primeiramente na coordenação e em seguida nos NBs, onde se acata ou não a indicação. Fidelidade, humildade, dedicação aos estudos, disciplina... são alguns dos atributos elencados para os postulantes a um posto na BO. Seu número de componentes é variável, mas nunca numeroso. Quando estive ali contava com 7 componentes.

2. **Frente de Massa - FM:** enquanto a BO está fundamentalmente preocupada com as relações internas ao acampamento, a Frente de Massa volta sua preocupação ao estabelecimento de contato prioritário com mundo externo. Tem como função destacada, o desenvolvimento de ações que visem conquistar “novos” sem-terra. Sua composição não se dá exclusivamente com integrantes daquele acampamento e nem visa atrair novos aderentes apenas para aquele acampamento. Seus membros estão em sintonia constante com a configuração estadual do Movimento de forma a pensarem suas ações conforme essa configuração. É um grupo ainda menos numeroso e, pelo que notei, atuam, normalmente, em equipe de duas a três pessoas. Ali haviam apenas 2 pertencentes à Frente de Massa que automaticamente compunham também a BO.
3. **Coordenação do Acampamento:** é a instância que reúne os coordenadores dos NBs e dos Setores de Trabalho além dos componentes da BO. É ali onde são discutidos os assuntos dos mais triviais aos mais importantes do acampamento, é o espaço mais numeroso e de onde saem os assuntos a serem discutidos e referendados nos NBs. Foi para essa instância, por exemplo, que levaram o meu pedido para passar um período interno ao acampamento e realizar a minha pesquisa. Nunca pude participar dessa reunião, mas participei de algumas dos NBs. Pelo que foi possível notar é ali onde se consolidam as principais orientações, são raras aquelas que enfrentam alguma contestação nos NBs.
4. **Núcleo de Base – NB:** é a instância mais elementar do acampamento. É composto por grupos de famílias normalmente vizinhas no acampamento, mas não necessariamente, uma vez que de tempos em tempos é promovida uma recomposição de cada NB de forma a “oxigenar” sua dinâmica. A quantidade de NBs é variável, seu número é definido conforme a quantidade de acampados. Cada núcleo tem uma quantidade também variável de famílias integrantes, na época da pesquisa haviam 6 NBs que tinham entre 15 e 40 integrantes cada um.
5. **Setores de Trabalho:** constitui grupos de acampados que zelam pelo bom funcionamento do acampamento. Realizam atividades de caráter essencialmente pragmáticas. Há no acampamento os seguintes setores:
 - **Setor da Secretaria:** é responsável pelo cadastramento das famílias e pela administração do acampamento. É ali que se concentram as informações sobre cada acampado, a concessão de autorização para se ausentar do acampamento (após permissão concedida pela coordenação) e onde se arquivam os documentos relativos ao histórico do acampamento.

- **Setor da Comunicação:** organiza as informações que devem ser repassadas para o conjunto dos acampados e opera a “Radio Resistência”, uma pequena estrutura de auto-falantes e um transmissor local que serve para realizar as chamadas das reuniões, localizar rapidamente alguma pessoa e para tocar músicas. É onde está localizado um dos dois únicos pontos de energia (o outro está localizado na “bodega”⁹) no qual os acampados podem colocar seus celulares para carregar.
- **Setor da Infra-estrutura:** está responsável pela manutenção e construção de barracos individuais e coletivos. É responsável também por manter a boa aparência física do acampamento e gerenciar o fornecimento de materiais como lonas, pregos, madeiras, etc.
- **Setor dos Direitos Humanos:** é o que cuida da segurança do acampamento. Revezam-se no controle da guarita e no ronda noturna. São também os responsáveis por intervir nas desavenças internas e fazer efetivar-se a saída daqueles que foram expulsos do acampamento.
- **Setor da Agitação e Propaganda - AGITPROP:** é o setor que busca constituir espaços de entretenimento e formação cultural. Realizam as místicas, teatros, ensaiam músicas, promovem exibição de filmes e nas manifestações são os que entoam os gritos de ordem e promovem atividades para levantar o moral do grupo. É composto majoritariamente por jovens.
- **Setor da Educação:** composto basicamente por professores – ou educadores como preferem ser chamados – e por outras pessoas vinculadas às atividades da escola: merendeira, organização da biblioteca, creche, ciranda.
- **Setor da Saúde:** administram uma pequena farmácia fitoterápica e estão preparados para realizar os primeiros socorros e encaminhar os doentes para atendimento hospitalar.
- **Setor das Finanças:** é o setor responsável pela administração da “bodega” e pela tesouraria do assentamento. Os recursos administrados por esse setor podem servir a empréstimos aos acampados (conforme a justificativa), a custear as despesas de suas ações, à manutenção do acampamento, à complementação da cesta básica, etc.

⁹ Pequena “mercearia” administrada pela coordenação do acampamento.

Organograma da estrutura organizativa do acampamento



Uma outra atividade importante no acampamento é a participação nas Frentes de Trabalho - FTs. Em alguns casos trata-se de uma cooperativa de trabalho vinculada ao MST que gerencia o envio de acampados para trabalharem majoritariamente em atividades agrícolas. Do salário que recebem, parte deve ser doada ao acampamento. Atualmente “pegar uma FT” vai além desses trabalhos formalizados pelo MST. Significa adquirir uma autorização para sair do acampamento para trabalhar, não importa aonde. Nesse caso o acampado mantém seu cadastro e não perde o tempo acumulado de acampamento e nem a oportunidade de ser assentado caso essa possibilidade se apresente no período em que esteja ausente do acampamento. Mas além de estarem amparados por essa autorização, devem, da mesma forma, realizar a contribuição financeira mensal para o acampamento onde está sediado.

Estava estabelecido que nos momentos de luta as liberações para as FTs eram interrompidas, ninguém mais poderia sair para trabalhar e, dependendo da gravidade do momento¹⁰, aqueles que estavam fora eram chamados de volta ao acampamento. Assim, todos tinham ciência da obrigação de retornar imediatamente ao acampamento caso ocorresse situações que o justificasse.

¹⁰ Uma situação grave que presenciei foi quando estavam na iminência de serem despejados do local onde estavam acampados. Nesse caso não apenas todos os acampados deveriam se manter no acampamento, como também vários assentados e acampados de outras regiões se uniram a eles para resistirem ao despejo que por fim não ocorreu.

É importante fazer uma diferenciação aqui entre *tarefa* e *trabalho*. Tarefa se refere a uma atividade normalmente não remunerada e que em certo sentido se conjuga com as lutas e ações que desenvolvem enquanto Movimento. É dizer que, apesar de se tratar em certos casos de uma atividade estritamente prática, ela se diferencia por estar ajustada e se somar a uma demanda do Movimento. Por exemplo, quando um militante assentado precisa se ausentar de seu lote para participar de uma reunião ou alguma outra atividade do MST busca-se uma pessoa no acampamento que possa assumir os afazeres relativos à manutenção do lote deste militante. Nesse caso não se fala em trabalho, mas em tarefa. Foi assim que um militante se expressou em uma reunião do Setor de Comunicação quando disse que não poderia assumir o compromisso que lhe estava sendo destinado: *“a Soninha irá pra uma reunião em Porto Alegre e sua mãe está doente, então eu me ofereci para ordenhar suas vacas. Mas não é trabalho, é tarefa!!!”*. Como podem notar, tarefa tem um sentido muito mais nobre e deve ser voluntário. Já trabalho é o que corresponde às FTs e, em certos casos, ganha um sentido de mesquinhez e pode mesmo ser fonte de conflito uma vez que as liberações são bem restritas.

Os critérios que são levados em conta no processo de seleção para a conquista de um lote em um assentamento organizado pelo MST são: tempo de acampamento e participação nas lutas. Caso o acampado não se interesse por aquela área ele pode permanecer no acampamento até surgir nova possibilidade.

O assentamento novo

Abrigando 102 famílias ele foi criado sobre uma área de 1600 ha que vinha enfrentando um longo processo judicial em função do endividamento de seus donos. As famílias que ali chegaram vinham de vários acampamentos, haviam representantes de 6 acampamentos diferentes. Mas a classificação que foi de fato estabelecida entre eles referia-se aos que vinham da região central do estado, mais interiorana e vinculada mais diretamente à atividade agrícola, e os da região próxima à capital, em sua maioria provenientes das “vilas”. A área onde hoje estão assentados pertencia a uma empresa de previdência privada que ao falir teve todos os seus bens confiscados pela justiça.

Uma característica importante desse assentamento é que ele está localizado bastante próximo ao perímetro urbano do município ao qual pertence e de outros municípios maiores e mais urbanizados. Este fato cria uma situação delicada na relação

interna entre os que trabalhavam fora e aqueles considerados legitimamente agricultores. No caso destes que conseguiam empregarem-se na cidade eles tentavam promover um ajuste entre o trabalho agrícola realizado no lote e aquele emprego urbano. As atividades urbanas que me foram mais frequentemente relatadas são: balconista, garçom, frentista, cozinheira, atendente de supermercado, empregada doméstica (diarista) e empregado industrial. No entanto, o assalariamento urbano se constituía em um ponto nevrálgico da convivência entre os assentados. Eram promovidas constantes acusações contra aqueles que trabalhavam fora. Essas acusações se davam tanto na forma direta, quanto indireta. Nas reuniões da coordenação eram casos abordados e criticados e na convivência cotidiana podiam ser notadas algumas insinuações irônicas e estigmatizadoras do tipo *“fulano de tal pode emprestar dinheiro, pois tem um bom emprego na cidade”*.

O formato organizativo deste assentamento era muito similar ao que vigorava nos acampamentos. Havia a direção do assentamento, a coordenação e os bolsões que se aproximariam, respectivamente, do que são a BO, Coordenação e NB do acampamento. Nesse assentamento não se consolidou nenhum grupo de produção coletiva e nem mesmo associações de máquinas e de trabalho. Como ainda é um assentamento novo, isso ainda pode ocorrer.

Os assuntos principais durante essa fase inicial estão relacionados com as questões mais urgentes: os créditos a que terão direitos, a negociação coletiva do arrendamento¹¹ de parte de seus lotes para a produção do arroz (principal aptidão de suas áreas), melhorias das estradas do assentamento, a construção da igreja, problemas com as divisas dos lotes, etc. Mesmo que no acampamento as questões práticas eram também as que mais mobilizavam os acampados, ali havia, ao menos, vários momentos coletivos voltados para a mística do Movimento e para formação política. No assentamento essas dimensões eram praticamente inexistentes, elas estavam concentradas apenas nos militantes mais fiéis que viviam o MST no seu cotidiano e, por isso, estavam em constante contato com os momentos de lutas mais intensas que são, por sua natureza, reforçadoras da identidade e da mística do “ser” Sem-Terra. Mas isso não significa que não havia no assentamento um reconhecimento individual do MST, ou mesmo uma postura pessoal que renunciasse ao seu passado de lutas. Não encontrei nenhum caso que

¹¹ Apesar de proibido, o arrendamento foi a única alternativa que encontraram para produzir arroz na parte de seus lotes propícios à essa produção. Como se trata de uma cultura muito custosa e exigente em tecnologia, o assentados não possuíam recursos e nem conhecimento para tal.

desprezasse o Movimento, mesmo que tecessem fortes críticas a certos militantes e aos rumos que atribuíam ao MST. Em geral essa vinculação com o Movimento se expressava na forma de gratidão e fidelidade.

O assentamento antigo

O segundo assentamento que pesquisei é bem mais antigo, foi criado há 15 anos e está localizado a uns 10 quilômetros de distância do assentamento novo. Conta com aproximadamente 2000 ha e abriga 100 famílias. Dessas, 30 estão organizadas no formato de CPA – Cooperativa de Produção Agrícola e as 70 famílias restantes produzem individualmente. Entre estas há a formação de associações voltadas especialmente para a compra e uso de maquinário. Como no assentamento novo, ali também a produção de arroz é a principal atividade agrícola. Contam com uma área propícia à produção de arroz irrigado e uma outra área que é utilizada para culturas de sequeiro.

Esta fazenda na qual foram assentados foi desapropriada oficialmente em maio de 1994. Conforme relatos, o seu antigo dono havia contraído uma enorme dívida com o objetivo de construir uma usina para produção de álcool, no entanto, esse recurso foi desviado para outros fins e tal empreendimento não foi realizado. Como não honrou sua dívida, toda a fazenda foi confiscada pelo Banco do Brasil. Da mesma forma que no assentamento novo, iniciou-se um longo processo judicial. Em 1987 o MST a ocupou pela primeira vez. Após um determinado período aquelas famílias foram expulsas daquela área, mas lograram ser assentadas em outra área próxima dali. Em 1993 ocorre nova ocupação e dessa vez os acampados saíram vitoriosos.

Ao chegar nesse assentamento o que se destaca com relação ao assentamento novo é, naturalmente, a quantidade de benfeitorias existentes e a aparência de sítios já consolidados. Notam-se as casas de alvenaria ou de madeira, árvores frutíferas e ornamentais, jardins, galpões, porteiros na entrada da propriedade, enfim, a marca do tempo é saliente¹². No caso da cooperativa esse aspecto é ainda mais ressaltante. A estrada que deixa a estrada principal para desembocar na sede da cooperativa (que

¹² Certa vez o Alberto Bracagioli, consultor de projetos sociais do Rio Grande do Sul, comentou sobre a constatação de um pesquisador que ao olhar desde um ponto topograficamente mais elevado de um assentamento recém criado disse que um bom indício da pretensão de permanência ou abandono do lote era observar o plantio de árvores ao redor da casa. Essa forma de relação com o entorno poderia significar uma perspectiva de futuro e de integração ao ambiente. Pareceu-me uma dica interessante. De fato, passados todos esses anos as casas estão, boa parte delas, rodeadas por árvores.

também era a sede da antiga fazenda) é ladeada por enormes galpões e por estruturas de produção e beneficiamento.

Os cooperados habitam, em sua maioria, na agrovila. A agrovila é uma configuração de residências dispostas uma ao lado da outra formando um enorme “retângulo”. Cada família que mora ali tem um pequeno lote de terra onde constroem suas casas, criam pequenos animais e fazem suas hortas. Geograficamente a agrovila se situa na crista de uma elevação que está no centro do assentamento.

O SONHO DA TRANSFORMAÇÃO

O MST produziu, ao longo de sua existência, um certo fascínio no campo da esquerda, passou a ser identificado como o espaço quase exclusivo de atuação para o enfrentamento, espaço por excelência da gestação de um novo paradigma social, a partir de onde se poderia pensar a superação da mentalidade capitalista tomando como referência uma vivência comunitária com pretensões macro-políticas. Encontrei no acampamento e também no assentamento mais novo um número significativo de jovens provenientes da classe média que abandonaram cursos superiores, ou profissões já estabelecidas para viverem o sonho da construção de uma nova sociedade¹³. Muitos desses recusam a ida para o assentamento, pois preferem se manter atuantes no acampamento, ou mesmo quando decidem ser assentados continuam o investimento quase que exclusivo na militância, se doando às tarefas do Movimento.

Estes jovens ocupavam, “naturalmente”, as principais posições de liderança. Obviamente que não é algo natural, sua seleção se deve ao alto grau de formação escolar que possuem e ao *ethos* militante que carregam. É baseado nestes atributos que eles são alçados à condição de lideranças mesmo quando não ocupam formalmente os cargos disponíveis na direção. Com relação a isso pode-se perceber a ocorrência de uma homologia estrutural de posições entre o grupo dirigente do acampamento e o grupo dirigente de outras instituições da sociedade, inclusive com aquelas nas quais estão habituados a negociar. Goffman (2003, p.106) faz algumas observações que vem ao encontro dessas análises:

¹³ Com alguma variação ao longo do período da pesquisa, no acampamento eram em 8, 5 mulheres e 3 homens, no assentamento novo eram em 10, 7 homens e 3 mulheres. Além destes haviam mais 2 integrantes do grupo militante no acampamento e 2 ou 3 no caso do assentamento novo que não se enquadravam nesse perfil: alto grau de formação, urbanos e com forte capital militante.

Para que possam apresentar-se com elegância e eficiência na sociedade mais ampla, pode ser uma vantagem o fato de serem recrutadas nos mesmos pequenos agrupamentos sociais em que são escolhidos os líderes de outras unidades da sociedade mais ampla. Além disso, se as pessoas da equipe dirigente são recrutadas uniformemente num estrato da sociedade mais ampla que tenha um posto mais elevado e legitimado do que aqueles em que são recrutados os internados, a separação, existente na sociedade mais ampla provavelmente confirma e estabiliza a regra do grupo dirigente.

Essa situação é notória. São aqueles que possuem um expressivo volume de capital cultural e, especialmente, um capital lingüístico, que os representarão justo às instâncias mais elevadas do Movimento e também junto aos órgãos públicos nos quais negociam suas pautas. Da mesma forma, internamente ao acampamento se reproduz, grosso modo, a estrutura que vigora na sociedade mais ampla. Ou seja, a hierarquia social que faz um agricultor se calar frente ao doutor agrônomo, o analfabeto frente ao letrado, o esfomeado frente ao nutrido, etc., também ali se realiza. Nesse mercado de bens simbólicos a dotação de valor a estas diferentes falas e a eficiência de seu poder performático se realiza de forma bastante desigual. Nesse sentido, a estabilidade do corpo dirigente e a própria estabilidade daquele espaço social estão sustentadas nessa distribuição desigual dos diversos capitais valorizados ali e na sociedade como um todo.

Mas esse processo não é assim tão linear e determinista. A complexidade dessa interação e o próprio engajamento pessoal nessa causa assume contornos variados e variáveis. Ou seja, são variados no sentido de que essa estrutura apresentada tem um relevo bastante acidentado, com muitas saliências e recônditos que tornam o reconhecimento desse terreno algo bastante laborioso e ao mesmo tempo surpreendente. São, ao mesmo tempo, variáveis, pois o cenário apreendido durante certo período pode se transformar rapidamente, sobretudo no que se refere às suas dimensões micro-sociais.

A idéia de uma identidade fixa só existe no plano ideal. A constituição identitária de uma pessoa e de um grupo social se realiza a partir da experiência cotidiana. Nesse sentido, a dimensão emotiva pode ser uma dimensão importante na transformação da pessoa e no fortalecimento de determinada identidade. Essa dimensão, que está mais visivelmente presente no universo religioso e nas relações sentimentais, encontra também no campo militante expressão similar.

Uma liderança, a Anita, que abandonou um curso universitário para ir viver no acampamento é a manifestação mais bem acabada de um processo de conversão que assume contornos muito semelhantes ao que ocorre em uma conversão religiosa. O encantamento e a empolgação com a qual me contou sobre descoberta do MST e da própria militância como realização pessoal e coletiva não ocultava que aquela adesão estava alicerçada em elementos que iam muito além das questões pragmáticas e ideológicas.

Durante minha pesquisa fui alvo, em vários momentos, do proselitismo evangélico e em várias situações alguns deles insistiam que eu deveria participar dos cultos de suas igrejas para eu ver que transformaria a minha vida, para que eu sentisse o poder do Espírito Santo e percebesse o quanto Deus era bom. De maneira pouco disfarçada, esse também foi o conteúdo – guardando as devidas proporções – da fala da Anita quando lhe pedi permissão para passar um período no acampamento. Ela parecia notar em mim elementos coincidentes como o percurso pelo qual ela havia passado antes de sua “conversão” ao MST. Ela considerou que eu corria o risco de me apaixonar e abandonar tudo, como ela havia feito, para me dedicar integralmente ao Movimento.

LÓGICAS DE ENGAJAMENTO E RETRIBUIÇÃO

Nessa dinâmica de engajamento está atuando inúmeros elementos característicos das relações sociais que são estabelecidas internamente ao acampamento. Atuam também elementos da relação com o entorno e com suas referências “amigas” e “inimigas”. Baseado em todos esses elementos se estabelecem lógicas de engajamento e retribuição que formam o cimento entre esses indivíduos. Mas, a margem ao contingente sempre irá existir de forma que faça emergir novas possibilidades de sentido. Quero dizer com isso que essas lideranças e “sua base” estão constantemente em contato com esse discurso político-intelectual que lhes acusam de ser ou estarem submetidos a ou reproduzirem uma estrutura sectária, autoritária, oligárquica, etc. No entanto, é analiticamente pertinente considerar que eles constroem suas ações e seus discursos estabelecendo um ajuste delicado entre todo esse discurso que lhes chegam do exterior e aquilo tudo que vivenciam desde o interior. E esse processo está alimentado por justificativas formuladas a partir de vários planos discursivos, inclusive aquele que informa, por exemplo, a

emoção que sentem ao ouvir o hino do MST, ou o conforto que sentem por estarem em um meio comunitário.

No caso da Anita, ela estava vivendo um momento bastante particular em sua vida. Fora-lhe apresentado o que se poderia, ironicamente, chamar de um “plano de carreira”. Encontrava-se na iminência de escolher entre diferentes projetos de futuro que o Movimento lhe oferecia: voltar para a universidade para concluir o curso de Sociologia, ser funcionária de um escritório do MST ou continuar como liderança no acampamento alimentando a perspectiva de ser assentada e ali estabelecer um modo de produção coletiva baseado em novos padrões, diferentes daquelas experiências consolidadas em alguns assentamentos do MST. Todas essas alternativas se inseria dentro do projeto macro do próprio Movimento. A volta para a universidade era a opção que, segundo ela, mais interessava ao MST e era a que estava mais propensa a aceitar. O discurso coletivo construído para justificar tal opção dava conta de que era importante para o MST estar organizado também internamente à universidade. Aliado com a formação universitária estava a “obrigação” de ser um “enclave” do Movimento naquele espaço. Fica evidente que essa negociação se dá mesclando os interesses pessoais e coletivos, mesmo que se deva negar o pessoal e colocar sempre à frente o interesse coletivo.

Há leituras do movimento, já mencionada anteriormente, que vêm nessa cúpula, que assume a tarefa de pensar e orientar os rumos do MST, o lócus de algo similar a uma “oligarquia” com seus “coronéis” que atuam na condução de uma massa amorfa e apática vulnerável à manipulação. Esse tipo de visão obstrui a percepção do que me parece muito mais interessantes ser percebido: as suas diferentes lógicas de engajamento que se nutrem de diferentes expectativas de retribuição. Para o acampado que conforma a base do movimento, eles estão raramente interessados nas retribuições que interessam às lideranças: *“tem vezes que me irrita, só pensa na terra, terra, terra... e tem tanta coisa além disso”*. Nessa frase, proferida pela Anita, está condensado o abismo que existe entre os interesses que mobilizam esses estratos. Seguramente, boa parte de tudo aquilo que está para além do objetivo imediato de conquistar a terra tem a ver, em grande medida, com o universo simbólico no qual estão imersos esses militantes.

Em uma reunião do Núcleo de Base da qual participei no acampamento, coincidiu justamente com a indicação de dois nomes para comporem a Brigada de Organicidade. Antes da decisão foi elencado uma série de atributos dos quais os indicados deveriam estar investidos e que deveriam ser levados em consideração pelos participantes daquela

reunião. Alguns destes atributos são: dedicação aos estudos, humildade, desejo de aprender, compromisso com a luta, pontualidade, participação nas mais diversas atividades, etc. Naquela oportunidade não houve nenhuma restrição àqueles nomes, apenas em um dos casos uma pessoa comentou que ele precisava ser mais humilde.

Todo esse ritual acrescenta àquele evento uma tonalidade participativa, mas todo o processo é ele próprio performático. Como princípio, qualquer acampado pode indicar um nome para compor a Brigada de Organicidade, mas como prática são os próprios integrantes da BO que identificam aqueles mais aptos a comporem-na e são eles que os indicam à coordenação, da qual a BO é parte integral. A coordenação, por sua vez, repassa para os NBs o poder de referendar aquelas indicações. Ou seja, há um processo de retro-alimentação do poder que sempre está emanando e, ao mesmo tempo, convergindo para o centro. Desde o centro concentrador de poder se atribui o poder de decisão às instancias inferiores até chegar à integralidade do coletivo. Este por seu turno, produz o revestimento de legitimidade para as decisões a serem tomadas. Como nesse caso, o referendo à escolha daqueles nomes compõe esse processo performático de legitimação do escolhido, mas, no limite desse processo quem está se legitimando e se dotando de poder é a própria BO. Ela se reveste de uma armadura mística para dentro e para fora, ela produz ao mesmo tempo em que é produzida. É um espaço do qual emana sapiência e poder simbólico, que dá a conhecer seu militante e é reconhecida por todos, que produz visão e divisão. (Bourdieu, 2004)

Ainda que o “simples” acampado tenha um papel importante nesse jogo de reconhecimento e reprodução de uma determinada forma organizativa, grande parte destes não estão inseridos nesse espaço almejando disputar tal distinção. As regras desse jogo e os lances que podem fazer a diferença e se fazer diferente só fazem sentido entre os que entram naquele espaço com o sentido do jogo incorporado. Dessa forma, aqueles que já chegam ali munidos de um capital militante se destacam facilmente, estão habituados às longas reuniões, sabem como intervir e o que dizer, enfim, se sentem como um peixe dentro d’água.

A própria noção de militante é ela mesma distante do universo do acampado médio¹⁴. Durante um momento em que conversava informalmente com uma acampada e sua filha adolescente de 15 anos, ela me disse que um certo dirigente lhe havia dito que

¹⁴ Já no caso dos assentados, sua trajetória lhe fez se habituar a tal designação, portanto é mais freqüente esta referência em suas falas.

ali todos eram militantes do MST. Meio na dúvida pediu a confirmação da filha que assentiu tal comentário. Então lhe questionei o que é ser militante. Novamente pediu auxílio da filha que respondeu no lugar da mãe dizendo que o simples fato de estarem ali, e participarem das instâncias internas já era suficiente para lhes fazerem pertencer ao MST e isso significava, portanto, que eram militantes.

Apesar desse dirigente sugerir àquela acampada uma definição de militante que é extensiva, de forma indistinta, a todos os que estão ali acampados, na prática o militante não é qualquer acampado. Esse entendimento é claro tanto para o acampado quanto para os “militantes”, apesar da retórica presente no diálogo referido por aquela senhora. Varias situações confirmam essa distinção de forma bem clara. Lembro-me de uma vez quando ao definir minha pesquisa para uma liderança do acampamento, eu disse, de forma telegráfica, que estava pesquisando a religião entre os *militantes* do MST, ao que ela demonstrou uma certa surpresa, expressão de quem via naquele objeto algo muito surpreendente. Logo percebi que não estávamos nos entendendo, então me dei conta de que a surpresa estava no meu interesse especificamente pelos militantes. Naquele momento eu já sabia que o conceito de “militante” não se aplicava a todos aqueles que estavam engajados na luta pela terra, mas por força do costume, acabei cometendo aquele ato falho. Ela me fez compreender que a sua referência de “militante” era bem mais restrita do que aquela contida no resumo enunciado da minha pesquisa. Então reformulei minha definição ampliando para todos aqueles que se engajam na luta pela terra, sejam aqueles considerados militantes legítimos, ou os que conformam a sua base. Então se demonstrou menos surpresa e mesmo um pouco decepcionada, pois entendia mais interessante um estudo acerca da religiosidade daqueles militantes que ela acabava de sugerir. Pedi então que formulasse a definição de militante que ela tinha. Militante então, é aquela pessoa que se engaja voluntariamente no movimento sem expectativa de uma retribuição específica, é aquele que demonstra ter uma visão de maior alcance e que está disposto a se orientar pela organização. No acampamento o espaço por excelência dos militantes era a BO e no assentamento é a Direção.

RELIGIÃO, VIOLÊNCIA E MST

Um aspecto a ser ressaltado a propósito da dinâmica social na qual o MST está inserido atualmente se refere à ocorrência de muitas famílias que vêm no acampamento

uma possibilidade de fugir da violência de seus lugares de origem. Tanto no Assentamento mais recente quanto no acampamento, encontrei algumas famílias (ao menos 5) que, dentre as motivações declaradas para se envolverem com o MST, estava o desejo de se isolarem, ou isolarem algum de seus filhos da criminalidade presente no local de onde vinham. Em dois casos, mesmo depois de acampados, 3 filhos de duas famílias ainda se mantiveram envolvidos com traficantes e assaltantes o que valeu suas expulsões do acampamento. No caso de uma família que habitava o assentamento novo um dos filhos de 15 anos estava correndo risco de vida e a família resolveu mudar-se completamente, o casal e mais 4 filhos, para o lote que a avó materna havia conquistado recentemente. Todas estas famílias também eram evangélicas e, neste último caso, a família construiu um templo evangélico da “Assembléia de Deus do Ministério da Restauração” dentro do assentamento. O próprio pai dessa família tornou-se pastor naquela igreja.

Estes casos induzem a pensar na relação que pode ser feita entre os papéis similares que ocupam a igreja, especialmente a evangélica, e o MST frente à dinâmica social vivenciada por estas famílias. Essa proximidade de papéis pode ser identificada a partir de duas perspectivas. A primeira delas se refere ao entendimento de ambos os lugares como espaços para superação dessas dificuldades relacionadas com a violência urbana. A segunda perspectiva está relacionada ao fato dessas igrejas e do MST criarem maiores condições para estas famílias se sentirem sujeitas e recuperarem a auto-estima.

No acampamento pesquisado, praticamente a totalidade das famílias que estavam ali eram provenientes das “vilas”. Suas falas deixavam perceber o alto índice de violência a que estavam expostos. Um senhor que disse ter 80 anos e recentemente havia chegado para acampar fez questão de me mostrar as duas cicatrizes de tiros que havia sofrido em duas tentativas de assaltos. Uma senhora, bastante impressionada, comentou que este senhor havia assassinado um de seus genros porque estava levando sua filha para o caminho das drogas. Em outro caso, um jovem de 29 anos assumiu a sua condição de ex-morador de rua e o fato de que, antes de ir para o acampamento, realizava pequenos furtos quando não conseguia dinheiro suficiente para sua manutenção e da sua companheira (de 17 anos) com a venda de material reciclável¹⁵. Assumia-se também

¹⁵ Algumas pessoas, anteriormente à sua ida para o acampamento, haviam se dedicado à coleta de material reciclável. Em certos casos já tinham experiência associativa relacionada com essa atividade. Um interessante estudo sobre os catadores de material reciclável de um bairro da periferia de Porto Alegre no

usuário de drogas e quando o conheci ele estava com os sintomas da tuberculose uma doença que atinge fortemente os moradores de rua¹⁶. Vários outros acampados eram apontados, pelas próprias pessoas do acampamento, como usuários de drogas¹⁷. Além disso, parte significativa dos que residiam no acampamento também estava (ou estivera) envolvida com o alcoolismo. Pude notar que na “bodega” do acampamento o artigo de maior consumo era a aguardente.

Toda essa situação de precariedade e insegurança que compõe o substrato social do qual estes acampados são originários proporciona os elementos, dentre vários outros, que os impulsionam a buscar refúgio espiritual e comunitário na igreja. Neste caso, como constatado por vários estudiosos, as denominações religiosas de maior inserção nestes espaços associados ao popular são aquelas do campo pentecostal. A própria retórica utilizada pelos pastores e pelos fiéis no processo de conquista de novos aderentes versa, com destaque, sobre a questão da violência, das drogas e do alcoolismo¹⁸. A recuperação e afastamento desses males são apresentados como artifícios eficientes no empreendimento da conversão. Uma vez na igreja o fiel terá conforto espiritual em um seio comunitário no qual estabelecerá novas relações baseadas nos códigos gerados e já consolidados naquele meio religioso. Promove, nesse caso, um percurso identitário cuja trilha percorrida e a percorrer estão integradas pelos vários elementos de uma vida pregressa e aquela na qual está se harmonizando.

Tomo como referência o caso da Vilma, uma mulher de 36 anos que conheci no acampamento. A primeira frase da entrevista que me concedeu quando lhe pedi para contar a sua trajetória é emblemática: “*A vida sempre foi muito difícil...*”. A partir dessa frase ela inicia sua narrativa. Conta sobre a separação de seus pais quando tinha apenas 9 meses, da pouca convivência com seus 5 irmãos um dos quais deficiente físico, a

qual reconheci significativas características do público que pesquisei, pode ser encontrado em Caballeiro (2008).

¹⁶ Conforme uma reportagem jornalística a incidência de tuberculose entre moradores de rua pode chegar a ser 60 vezes maior do que entre o restante da população. Quando o conheci, este jovem estava para ser expulso do acampamento, pois recusava o tratamento e também o uso da máscara de proteção. Porém quando percebeu que não haveria alternativa decidiu aceitar a proposição de internar-se em uma clínica especializada em tal tratamento. Sobre a reportagem ver site: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,tuberculose-e-maior-risco-a-morador-de-rua,398122,0.htm> consultado em 13/09/2009.

¹⁷ Apesar dessas identificações, caso fossem surpreendidos usando qualquer tipo de droga ilícita a expulsão do acampamento era automática.

¹⁸ Havia no acampamento uma preocupação em encaminhar as pessoas que narcóticos e alcoólatras para clínicas de recuperação. Uma liderança comentou a esse respeito de que todas as indicações que os acampados davam eram de clínicas vinculadas a igrejas evangélicas.

migração do interior de Santa Catarina para o Paraná e posteriormente para Porto Alegre, o primeiro trabalho tomando “*conta de um apartamento enorme*” aos 11 para 12 anos, a mãe que tinha muitos problemas de saúde, o fato de haver sido obrigada a ir morar com o pai aos 15 anos sem nunca tê-lo visto antes. Contou-me também sobre o casamento aos 16 anos com um homem que mal conhecia, imaginando que assim resolveria seus problemas. Com este marido teve um filho. Descreveu os problemas que enfrentou com este marido que era alcoólatra e da separação, após 5 anos, depois que o flagrou na cama com sua vizinha.

A partir de sua nova gravidez inesperada (de gêmeos), cujo pai era um jovem de 17 anos, no momento em que ela tinha 22, decide então se afastar da Igreja Católica, na qual foi participante assídua até aquele momento, por se sentir incoerente e discriminada. Nessa etapa de sua vida ela se vê obrigada a voltar a viver com sua mãe. Seus problemas ganham dimensão ainda maior quando descobre que seu filho mais velho, agora com 10 anos, estava se envolvendo com drogas. Como trabalhava o dia inteiro não conseguia se fazer presente junto aos seus filhos. Influenciada pela mãe que acabara de converter-se a uma igreja evangélica, ela decide, meio incrédula, a também participar. Esta conversão irá transformar sua vida até o momento em que casa-se novamente com uma pessoa indicada por seu irmão, mas agora casa-se sob as orientações da igreja o que a fazia imaginar que tudo mudaria. Novo fracasso que foi suportado por 10 anos. Quando se separa novamente, ela se sentiu desprezada pela igreja. Desprezo que se tornou insuportável quando se amasiou com um primo, pessoa com quem vivia quando a conheci.

Esse percurso marcadamente acidentado confluiu, por um certo momento, à Igreja Evangélica. Foi ali onde Vilma encontrou a paz de espírito e um refúgio comunitário. A dimensão comunitária é marcante tanto na sua experiência evangélica quanto católica. Nas primeiras dificuldades que enfrentou em seu primeiro casamento ela já havia dito sobre o seu engajamento nas atividades da Igreja Católica e acentuou a sua força comunitária, mesmo deixando explícita uma crítica doutrinária atualizada pela nova pertença ao evangelismo:

eu comecei a me envolver, a ir na missa, puxar grupo de famílias, fazer reuniões nas casas, eu fazia mas eu não entendia porque eu estava fazendo, eu fazia porque alguém estava me ensinando a fazer, mas não porque eu sentisse alguma coisa. Quando eu lia a

bíblia pra mim era indiferente, não me dizia nada. (...) Eu comecei a ir na missa. *Pelo seu marido?* Pela comunidade, a comunidade era toda católica....

A acolhida no seio de uma comunidade em geral e, no caso específico, de uma comunidade religiosa produz o efeito de abrigo, de conforto, de afastamento momentâneo do mundo conturbado. Ali seus indivíduos se reconhecem uns aos outros, compartilham muitos princípios, sentem-se valorizados e as atividades práticas que realizam a serviço da igreja lhes aumentam a auto-estima e o sentimento de estar sendo “útil” à causa do Senhor, além de lhes amenizar os impactos dos problemas afligentes. Tudo isso, em uma situação de desamparo e sofrimento, produz efeitos bastante significativos na vida dessas pessoas.

No entanto, como Vilma explicita em ambas as situações, aquela em que esteve vinculada à Igreja Católica e a que esteve vinculada à Igreja Evangélica, o aconchego da comunidade pode se tornar hostil a partir do momento em que se choca com determinados valores que lhes são caros. Nesse caso, a moral sexual é definidora de grande parte dessas situações de desapareço. No caso da Igreja Católica deveu-se ao fato de haver engravidado de alguém com quem não estava casada: *“quando eu engravidei eu parei porque eu me senti muito envergonhada, na minha auto critica eu me senti muito envergonhada. Ter engravidado, uma mulher experiente, que já era mãe, eu não tomava os comprimidos de vergonha da mãe ver”*¹⁹. No caso da Igreja Evangélica o motivo foi a sua “união consensuada” com um parente, no caso, seu primo:

No momento em que eu me separei e fui viver com o Dirceu, eu perdi aquela comunhão com a Igreja, não podia mais tomar a Santa Ceia, cantar no coral, essas coisas, mas sempre continuei indo, sempre que eu estou angustiada, que tem uma coisa dentro de mim, coisa que eu não consigo resolver eu vou lá e dobro meu joelho e oro. Sei que Deus dá uma resposta, que não é só o homem, eu vou lá pra ter um minuto meu só.

¹⁹ Uma agricultora ecologista que havia entrevistado me fez um comentário semelhante. Ao questionar sua relação com a igreja ela responde: “Totalmente desligada da igreja. *Da igreja de maneira geral?* É, de 2002 pra cá eu acabei me desligando pela gravidez... eu achava assim... que eu não estava sendo coerente com o que eu sempre preguei, a valorização da mulher, do casamento... então eu resolvi me afastar da PJ, da catequese, da igreja, da equipe de liturgia. *Isso em função de você haver ficado grávida sem casar...* É. Por definição minha eu achei melhor acabar assim. E é claro, as pessoas falavam: não casou, foi morar juntos... pras pessoas também fica uma visão ruim, né... Então eu resolvi me afastar. Claro, de vez em quando eu vou pra igreja, mas não atuo, quando eu tenho necessidade de rezar, eu vou, rezo...”

O território de sua identidade vai se compondo ao longo desse percurso. Determinadas dimensões de sua identidade como Evangélica, a partir da qual alimenta suas críticas ao catolicismo e às “coisas do mundo”, serão colocadas no alvo de seus questionamentos ao final de mais uma etapa das suas experiências, que foi o envolvimento com o MST: *“hoje eu posso até estar sendo meio cruel, mas eu não sei nem se eu acredito muito mais nisso”*. Demonstra, inclusive, um uso instrumental e particular do espaço religioso. Sua fidelidade está, agora, condicionada às suas necessidades pessoais e circunstanciais. Tudo isso, é importante ser notado, está presente numa fala que aglutina elementos de um passado distante a um passado recente, filtrados pela lente das experiências vividas no presente.

Na sua saga ainda havia um capítulo antes de ir para o acampamento. Quando lhe fiz a seguinte questão: *“Eu queria que você me contasse como foi sua chegada no Movimento”*, ela retomou uma etapa de seu percurso, como que buscando dar um curso concatenado e conseqüente aos eventos pelos quais passou. Como seu filho continuava envolvido com as drogas eles foram viver um período no Paraguai onde o marido tinha parte de sua família. Conta que seu novo marido foi um grande apoio nas tentativas de recuperar seu filho: *“o Dirceu foi aquela pessoa de pulso forte, os outros viam e diziam que esse guri não ia valer nada e ele dizia ‘você vai prestar, você vai ser um homem’”*. No Paraguai eles não se adaptaram, decidiram voltar para a vila onde moravam anteriormente e onde tinham uma casa que, mesmo sendo de vila, como fez questão de acentuar, era *“uma casa boa”*. Mas seu filho voltou a se envolver com as drogas. Como parte dos esforços para resgatar seu filho das drogas, ela trocou sua casa por uma menor de forma a obter uma diferença em dinheiro e vendeu outros pertences²⁰. Foi tentar conquistar uma nova casa em uma “invasão” urbana. Mas dali foram retirados pela polícia. Foi nesse momento que soube da possibilidade ir para o acampamento.

Quando conheci essa família, sua sociodicéia havia culminado com sua chegada e adaptação ao acampamento. Ali a encontrei bastante à vontade entre os demais acampados, vivendo uma ótima relação com as lideranças e sendo referência interna e externa. Muito calma, sempre sorridente e, ao mesmo tempo muito séria quando começava a falar da conjuntura, das lutas e das questões de organização interna. Já

²⁰ Caballeiro (2008, p.36) narra, com minúcia e perspicácia, a situação de pessoas e famílias que se desfazem de todos os seus pertences para se abastecer de drogas, especialmente o crack, e demonstra a decadência dessas famílias. No caso da família aqui analisada, não fica claro em que utilizavam os recursos oriundos daquelas vendas.

dominava com desenvoltura certos marcadores práticos e conceituais frequentes nos discursos e no formato organizativo do Movimento e do acampamento.

hoje eu sou feliz, vivo tranqüila, gosto da minha vida. Mas hoje eu entendo muita coisa, eu gosto do meu marido, gosto da minha família, eu tenho paz de brincar com os meus filhos de amar eles, de brigar se for preciso, mas aquele ódio, aquela tristeza aquela coisa que eu tinha contra todos, contra o mundo.... Então hoje eu consegui entender muitas coisas, eu vejo mães sentindo, fazendo e agindo nos filhos me doe também de ver, se eu posso sentar com aquela pessoa e ter uma prosa, tentar ajudar, eu faço.

Como se nota, ali no acampamento se configura um espaço comunitário que assume algumas das características que a Vilma e os acampados em geral encontram em outros espaços, como ocorre em uma comunidade religiosa. O aconchego de um espaço dotado de regras rigorosas, de princípios de convivência interna e onde se desenvolvem atividades que elevam o valor pessoal daqueles que chegam ali com auto-estima bastante baixa e desesperançados faz daquele ambiente um refúgio do mundo. Nesse sentido, em seu aspecto prático, ele cumpre a mesma função que, em certo momento, foi cumprida pela igreja.

Também no seu aspecto doutrinário essa comparação é possível. Da mesma forma que no processo de conversão à Igreja Evangélica o crente se dota dos conceitos e de uma razão prática relativos ao *ethos* evangélico, no acampamento se processa algo similar. Ao se imergir naquele universo o acampado irá, paulatinamente, assimilando os seus conteúdos rituais e conceituais. Saberá o roteiro a ser seguido e como se comportar numa reunião; compreenderá suas dimensões hierárquicas, tanto em termos organizativos quanto pessoais; saberá identificar seus principais símbolos e os mártires que compõem seu panteão; se expressará a partir de certos conceitos-chaves como o de classe, burguesia, latifúndio, lutas, conjuntura, etc; entenderá a importância e o formato das lutas-rituais das quais deverão participar; etc. Ou seja, se no caso da doutrina religiosa da Igreja Evangélica o crente, ao se converter, se investe daqueles valores e passa a vivê-los e a reproduzi-los como verdades doutrinárias, o mesmo ocorre no acampamento e na adesão ao MST. Ali a doutrina política informada e investida nos atores sociais cumpre o papel de ocupar aquela dimensão espiritual que, no engajamento evangélico, dá sentido à vida do crente. O caráter escatológico do discurso e das místicas do MST e a força de

verdade que atribuem às suas formulações, asseguram aos seus aderentes uma segurança ontológica que se completa com aquele universo de aconchego comunitário.

LIDERANÇA E GÊNERO NO MST E NA IGREJA EVANGÉLICA

Como se percebe, a ida para o acampamento não se dá de forma homogênea. Na maioria dos casos certos indicadores apontam para um engajamento motivado por questões urgentes e práticas. A possibilidade de conquista de uma área de terra é a principal delas. Mas também o simples fato de estar ali com a certeza de que receberão uma cesta básica que garantirá a manutenção de toda família; de ter acesso a uma moradia que, mesmo sendo precária, está igualada às demais; e, ainda assim, a possibilidade de viver num espaço de relativa harmonia, são conquistas que, no caso de algumas pessoas, por si só já justificam tal engajamento. Mesmo no caso da Vilma, um dos motivantes fundamentais foi o despejo a que foram vítimas na área urbana que invadiram. Mas, da mesma forma que a justificativa redutora de tal engajamento a algo puramente ideológico conduz inevitavelmente a uma visão totalizante e discrepante da realidade, considerar que estes acampados estão ali impermeáveis à qualquer influência ao longo dos anos de convivência, apenas esperando que seus objetivos práticos sejam atendidos, é uma discrepância totalizante tão grave quanto.

No caso do MST, a visibilidade das lideranças era mais acentuada no espaço do acampamento. Isto se deve às próprias características daquele espaço que impõe uma centralidade e um maior ativismo às suas lideranças. Já no assentamento o seu corpo de lideranças era mais difuso, por um lado e paradoxalmente mais condensado por outro. Difuso, pois o processo de se tornar líder e ser reconhecido como tal estava menos definido e determinado pelos atributos valorizados pelo poder majoritário no MST. Ou seja, mesmo sem colocar em questão sua pertença ao MST e o reconhecer como organização que os aglutinam, ali no assentamento eles não estavam tão dependentes de uma centralidade em um pequeno núcleo de lideranças. Essa união maciça ocorre frente a certos interesses comuns, majoritariamente aqueles relacionados com a produção e infraestrutura. De certa maneira as lideranças que emergem naquele espaço ganham alguma notoriedade a partir de questões de caráter mais específico, como aquelas especializada

nas questões religiosas, aquelas que tomam iniciativas relacionadas ao lazer²¹ ou mesmo aquelas que se assumem como vozes destoantes de outros líderes.

De qualquer forma, nos assentamentos também havia um corpo bastante coeso de lideranças. Eram, como já mencionado, os chamados “militantes”. Estes ocupavam o papel de mediadores entre o assentamento e o MST como organização interna e externa. Eram eles que mantinham tal vínculo atualizado. Ao mesmo tempo era contra eles que também pesavam as principais críticas e fofocas: diziam que usavam o dinheiro do Movimento em benefício pessoal, andavam de carro para todo lado, não trabalhavam em seus lotes, eram os que tinham posições mais radicais com relação a certas ações e comportamentos, enfim, eram os que estavam em maior evidência.

Devo chamar a atenção ainda para um último aspecto: a presença marcante da mulher nesses espaços de lutas e especialmente como parte de seu corpo dirigente. No acampamento, de um grupo de sete líderes de maior destaque, 5 eram mulheres e todas jovens, a de maior idade tinha 37 anos. A prática incentivada de que os coordenadores dos Núcleos de Base e de outras instâncias fossem um homem e uma mulher também possibilitava uma maior visibilidade às mulheres e as levavam a assumirem um papel mais ativo. Ao mesmo tempo, era nas suas falas onde essa dimensão mais se explicitava. O fato de ocupar estes espaços e de se sentirem reconhecidas como sujeitas eram ingredientes importantes na permanência e dedicação às ações do Movimento. Isso também se verificava nas atividades mais práticas desenvolvidas pelas equipes de trabalho. O Setor de Educação do acampamento era um destes setores composto basicamente por mulheres. Ali algumas delas foram encorajadas a assumirem postos de professoras ou, como preferem, educadoras. Duas jovens de 16 anos, ambas evangélicas, falavam com orgulho dos papéis que assumiram como educadoras. A mãe de uma delas afirmava, com altivez, que em nenhum outro lugar teriam concedido tal chance à sua filha. Uma outra mulher de 34 anos, que havia estudado até a sexta série e também era educadora me disse que passou a gostar do acampamento a partir do momento em que assumiu essa função. Percebeu que tinha vocação para ser professora e também considerou que em outras circunstâncias ela jamais se imaginaria em tal posição.

No que se refere à participação da mulher na Igreja e especialmente na Evangélica, essas dimensões também estão acentuadas. Mesmo que a ocorrência de

²¹ No acampamento também há pessoas que se destacam em atividades específicas, mas estão todas diretamente submetidas à centralidade de um grupo de lideranças.

Pastoras seja praticamente nula, especialmente nas igrejas do campo pentecostalista, as funções que assumem nessas igrejas também ocupam em suas vidas uma dimensão importante. Os depoimentos dessas mulheres que dão destaque à importância que tem em suas vidas a participação ativa na igreja: nos corais, no auxílio aos pastores, na organização da igreja e dos cultos, etc; indicam esse sentido de completude e a expressão do sentir-se sujeito. A fala dessa acampada, a seguir, dá uma dimensão da importância que a participação na igreja tinha em sua vida. Ao ser perguntada em qual igreja evangélica participava, ela logo descreveu o seu grau de envolvimento:

A Igreja Evangélica Jesus é a Salvação. Lá eu era até Obrera da igreja. Era dirigente do grupo de oração, era zeladora da igreja, eu tinha um trabalho bom na igreja, operava no coral, comissão de visitas, pra ir visitar os doentes, fazer oração pra pessoas doentes, aquelas que estão problemáticas, ajudar as pessoas que tinham feito macumbaria, a gente ia e orava e Deus curava eu aprendi aquele *oficio*. Até pessoa paralítica a gente orou e levantou. ***Então a Senhora chegou num estágio bem alto na sua igreja...*** E não tenho estudo, estudei 6 meses só, quando eu tinha 12 anos.

Por esse breve relato, pode-se imaginar a relevância que esse tipo de engajamento ocupava em sua vida. Em seu caso tal dedicação à igreja tinha um sentido ainda mais redentor, tanto do ponto de vista religioso (como fica bem claro) quanto social, na medida em que ela era, além de pobre, analfabeta. Assumir todos os encargos que ela assumiu e alcançar a posição de Obrera sem ter estudado constitui uma façanha pouco provável em outros espaços sociais. A igreja se apresenta, como pode ser notado, também como espaço de formação tanto em seu sentido estrito quanto em um sentido mais amplo. A leitura da bíblia, dos cânticos, das orações, etc, certamente foram atividades que lhe motivaram a aprimorar sua capacidade de leitura. Da mesma forma, outras dimensões de suas ações enquanto religiosa como a sua desenvoltura para lidar com o público, o desenvolvimento da oratória e também o desempenho de várias atividades práticas, seguramente conformam um processo de formação importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que expus neste artigo quero reter alguns elementos ao finalizá-lo. Se o MST sempre foi um movimento dotado de grande pluralidade de público, como se nota a partir do assentamento antigo, sua constituição atual o faz ainda mais plural. A presença marcante de um público proveniente dos grandes centros urbanos, seja para liderá-lo ou para integrar sua base, lhe atribui uma nova dinâmica cotidiana. A chegada de jovens da classe média, com alto grau de formação, que ocupam quase que imediatamente postos na direção local do Movimento, se mistura com a chegada de favelados com trajetórias das mais diversas trazendo em comum o sofrimento de uma vida de infortúnios. A forte presença dos evangélicos também se torna um ingrediente importante como demonstrado com os casos descritos. De todo esse universo multifacetado emergem novos sujeitos que, apesar da pretensão, não serão homogeneizados pela liturgia ideológica do MST. Como foi possível notar no assentamento novo, mesmo os muitos anos de vivência nos acampamentos não fez eliminar a diversidade de história e de subjetividades. Ainda que muitos acampados e assentados critiquem suas lideranças, todos que conheci expressam sua fidelidade e gratidão ao MST e além da terra almejada, reconhecem todo esse processo que viveram como um período de grandes aprendizados.

Cito por fim, um extrato de uma entrevista que expressa bem o contraditório e a diversidade de posições frente ao MST e à realidade social. Trata-se da fala do Sr. José que ficou seis anos acampado e faz três anos que está assentado, tem 53 anos de idade, pais de 5 filhos, semi-analfabeto: *“desde que eu estava no acampamento me chamavam pra ser coordenador do grupo, eu nunca quis, eu não tenho a caligrafia o suficiente”*. Assim ele descreveu sua experiência no acampamento:

Como foi essa experiência de acampamento?

Foi ótimo, aprendi muita coisa que eu não sabia, aprendendo a viver mais com o pessoal, lidava com o pessoal, trabalhava na parte da segurança. Mexia na alimentação, depois passei pra segurança. Convivendo com o pessoal, vendo como é que agia, como é que não agia, como é que a gente tinha que agir com eles, tipo um soldado. Aí a gente foi pegando uma experiência. ***O Sr. acha que ali é como se fossem soldados...*** É como um regime militar!!!! Na minha época era um regime militar, porque essas drogas, essas porcarias, se nós desconfiasse, nós ia a busca,

e conversava com o cara e se não parasse pegava a faixa (*rodovia*), lá dentro não ficava. Não é que nem hoje, esse (*acampamento*) daqui, todo mundo fala aí que nego “chapa” ali pra dentro. Na minha época de acampamento não existia isso. Nem o traguinho que eu gostava de tomar não se comprava de litro, era só na parte da tardezinha que nós ganhava e era uma dozinha, um “martelinho” daquele. É, era uma disciplina rígida mesmo, tipo quartel. Não se via quase o pessoal brigando lá dentro, aqui eu vejo eles brigam por causa de cachaça, tomam uns tragos e estão brigando. ***E o que o Sr. acha que mudou?*** O que mudou do tempo que eu vivi no acampamento pra agora é a direção. A direção que é mais fraca, de ter pulso firme de botar aquela lei dentro que nem nos tinha. Nós tinha o Paulo da Rosa que com ele não tinha perdão, era tipo um ditador. Tem que ser assim, tinha que ser aquilo, agora esses daí não, são mais fracos tem que botar as coisas rígidas ali (*no acampamento*).

BIBLIOGRAFIA

- BADIE, B.; HERMET, G. *Política comparada*. México: Fundo de Cultura Económica, 1993.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/ Lisboa: Editora Bertrand, 2004.
- CABALLERO, I. N. V. *“O trabalho no papel”: uma etnografia com papeleiros*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- CHAVES, C. A. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Nuap/UFRJ, 2000.
- COMERFORD, J. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- _____. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- QUIRÓS, J. *Cruzando la Sarmiento: una etnografía sobre piqueteros en la trama social del sur del Gran Buenos Aires*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa. Vol. III A força dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.